

(Re)lendo o patriarcado criticamente

(Re)Reading patriarchy critically

ANSELMO PERES ALÓS

Docente do Programa de Pós Graduação (UFSM).
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.
anselmoperesalos@gmail.com

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. 4. reimpr. São Paulo:
Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2018, 160p.

Nascida em 1934 e falecida em 2010, Heleieth Saffioti foi uma destacada socióloga feminista marxista. Sua extensa obra versa sobre trabalho, mulheres, violência e relações de gênero no Brasil. Graduou-se em Ciências Sociais na USP, em 1960, e defendeu, em 1967, sua tese de Livre Docência, orientada por Florestan Fernandes, na UNESP-Araraquara, intitulada “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade”. A tese foi publicada em forma de livro em 1976, pela Editora Vozes. O livro tornou-se um sucesso acadêmico na época, e se configura hoje como uma obra de referência dos estudos feministas de índole marxista.

Saffioti lecionou no Departamento de Sociologia da UNESP-Araraquara e no Departamento de Psicologia da USP; foi professora visitante da Faculdade de Serviço Social da UFRJ e docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Universidade Católica de São Paulo. Sua obra é uma das grandes referências brasileiras (reconhecida no exterior), em função de suas análises feministas a partir da noção marxista de classe, desvelando os estreitos vínculos e acúmuliamentos entre patriarcado e capitalismo.

“Gênero, patriarcado, violência” surgiu da participação de Heleieth Saffioti na pesquisa “A mulher brasileira nos espaços público e privado” (2004), conduzida e publicada pela Fundação Perseu Abramo. Todavia, dada a extensão e a densidade dos resultados de Saffioti ao longo da preparação de sua colaboração, esse material foi publicado como um livro independente, publicado também em 2004. São particularmente interessantes as discussões que a autora faz das noções de *gênero* e *patriarcado*, defendendo a ideia de que não se deve abandonar a categoria *patriarcado* em nome do uso exclusivo das categorias *gênero* ou *relações de gênero*. A autora argumenta que o patriarcado deve ser entendido como o contrato sexual, celebrado entre homem e mulher, que lhes permite a exploração e a dominação dos homens sobre as mulheres. Esse contrato é também sexual, na medida em que estabelece aquilo que Carole Pateman chama de “acesso sistemático dos homens aos corpos das mulheres” (Pateman, 1993, p. 17).

Saffioti alinha sua compreensão do patriarcado à de Carole Pateman, que se manifesta, em “O contrato sexual”, preocupada com o abandono, pela teoria feminista, da noção de patriarcado. Uma vez que o patriarcado não seja mais nomeado, corre-se o risco de que ele deixe de ser visto como algo que precisa ser compreendido, contestado e combatido, visando à transformação das relações sociais rumo a um mais igualitário entre homens e mulheres (Saffioti, 2018, p. 58). Para Carole Pateman, “é urgente que se faça uma história feminista do conceito de patriarcado, [pois] abandonar o conceito significaria a perda de uma história política que ainda está por ser mapeada” (Pateman, 1993, p. 39-40). Saffioti segue a mesma linha de raciocínio, argumentando que “colocar o nome da dominação masculina – *patriarcado* – na sombra significaria operar segundo a ideologia patriarcal, que torna *natural* essa dominação-exploração” (Saffioti, 2018, p. 59 – grifos da autora).

A utilização exclusiva das categorias *gênero* ou *relações de gênero* (ao invés das categorias *patriarcado* ou *relações patriarcais*) é entendida como arriscada, na medida em que *patriarcado* ou *relações patriarcais de gênero* evidenciam a lógica da relação de poder-dominação-exploração exercida pelos homens sobre as mulheres; dito com outras palavras, o que se está afirmado é que as relações patriarcais são uma das modalidades das relações de gênero (mais especificamente, o tipo de relação que deve ser abolida – ou pelo menos, contestada e transformada – pela teoria feminista). A socióloga paulista justifica, pois, a manutenção do termo *patriarcado* nas análises feministas, em função dos seguintes argumentos, que ela enumera, em um total de seis:

- 1 – não se trata de uma relação provada, mas civil;
- 2 – dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres [...];
- 3 – configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade;
- 4 – tem uma base material;
- 5 – corporifica-se; [e]
- 6 – representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência (Saffioti, 2018, p. 60).

Ao se pensar nessa definição de patriarcado, parece tentador pensá-lo em termos de *habitus*, aproximando-o da noção de *dominação masculina* cunhada por Pierre Bourdieu (2002). Saffioti é bastante resistente a essa aproximação justamente em função do olhar crítico que destina à noção de *habitus*: “o *habitus* nasce justamente da interação entre o processo de socialização e o equipamento genético de que é portador o agente social. Esse conceito tem utilidade, mas incomoda por sua quase absoluta permanência, ou seja, *quase impossibilidade de mudar*” (Saffioti, 2018, p. 70 – grifo meu).

Além de o patriarcado fomentar a guerra entre as mulheres, funciona como uma engrenagem quase automática, pois pode ser acionada por qualquer um, inclusive por mulheres [...]. Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes,

segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo (Saffioti, 2018, p. 108).

Talvez, diante do cenário acadêmico contemporâneo, o livro de Saffioti não pareça tão “inovador”. Não se vê na argumentação da autora, ao longo do livro, problematizações em torno de questões como a dimensão performativa do gênero (presente na filosofia de Judith Butler) ou a questão das abordagens interseccionais de feministas negras como Kimberlé Crenshaw. A autora retoma concepções do feminismo materialista que são fundamentais, mas, por algum motivo, parecem um pouco *démodé* para quem convive com o ciberfeminismo, como a analogia entre patriarcado e capitalismo, ou as consequências da divisão sexual do trabalho.

Saffioti insiste na compreensão do feminismo como possibilidade de mudança social, sem, contudo, abrir mão da reflexão crítica e do conhecimento histórico do pensamento feminista, ou melhor, das pensadoras feministas que tornaram o cenário feminista contemporâneo possível, como Shulamith Firestone, Kate Millet, Zillah Eisenstein e Berenice Carroll. Não é por não citar Angela Davis ou por não discutir a categoria da *interseccionalidade* que o trabalho de Saffioti está alheio às incomensuráveis intersecções entre gênero, sexualidade, raça/etnia e classe social. Ao contrário: seu trabalho mostra inúmeros pontos de contato com as discussões contemporâneas e merece ser revisitado pelas pesquisadoras contemporâneas interessadas nas interfaces do feminismo com questões de classe e étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Trad. Marta Avancini. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- SAFFIOTI, Heleith. **Professoras primárias e operárias**. Araraquara: UNESP, 1969.
- SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1969.
- SAFFIOTI, Heleith. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SAFFIOTI, Heleith. **Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- SAFFIOTI, Heleith. **O fardo das trabalhadoras rurais**. Araraquara: UNESP, 1983.
- SAFFIOTI, Heleith. **Mulher brasileira: opressão e exploração**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SAFFIOTI, Heleith. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleith. Gênero e patriarcado: violência contra as mulheres. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol e OLIVEIRA, Sueli de (orgs.) **A mulher brasileira nos espaços público e privado.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 43-70.